

Homenagem a Agostinho

No 1º centenário de nascimento de Agostinho da Silva, o Real Gabinete Português de Leitura dedica à memória do Mestre este número especial da *Convergência Lusíada*.

Reuniram-se, além de textos dele próprio, vários estudos e trabalhos de autoria de alguns de seus amigos, que tiveram o privilégio de conviver com ele, no Brasil ou em Portugal, e de outros, que sendo também admiradores de sua Obra e de seu Magistério repartiram a distância com Agostinho da Silva o “Reino do Espírito Santo” e a visão do “Quinto Império”.

Com feitiço e sem licença, todos foram condôminos de sonhos, de utopias e esperanças.

Em nome do Real Gabinete Português de Leitura, agradecemos penhoradamente a valiosa colaboração que recebemos para editar este número de louvor e de homenagem a um Homem que, nas palavras de António Sérgio, foi, acima de tudo, um Apóstolo. Que nos perdoem os demais autores dos escritos ora publicados, mas permitimo-nos destacar, desde logo, o trabalho admirável que teve para a edição deste número o Professor Amon Pinho, tanto na seleção e organização da antologia agostiniana, como no empenho junto a vários colaboradores e na excelência dos textos de sua autoria.

Conhecemos pessoalmente Agostinho da Silva depois de seu retorno definitivo a Lisboa. Por várias vezes estivemos em sua casa – ou no Hotel Tivoli, na Avenida da Liberdade – a ouvir as análises que fazia, com rara clarividência e sem compromissos, sobre o Brasil e “o mundo que os portugueses criaram”. Nem todas as suas projeções feitas, na maioria das vezes, em períodos de mutações políticas e sociais foram confirmadas pelos acontecimentos posteriores, o que foi uma pena, como ele, talvez já desconfiasse, olhando os mapas dos continentes, a insensibilidade dos políticos e os nevoeiros da costa...

Por seu conselho e com sua ajuda, elaboramos o esboço de estatutos de uma Fundação que teria por escopo principal construir “pontes” de diversos tamanhos e espécies entre os países e as comunidades de Língua Portuguesa. E foi com base nesse projeto e nas conversas de Agostinho da Silva que pouco tempo depois, juntamente com o Embaixador José Manuel Fragoso, fomos ter

com empresários portugueses e brasileiros (cerca de 20) para convencê-los a criar a Fundação Cultural Brasil-Portugal. Tinha ela o objetivo de promover, nos campos da Educação, da Cultura, das Artes, das Ciências e da Cooperação o desenvolvimento entre os povos de Língua Portuguesa, independentemente das diversidades étnicas, políticas ou religiosas. A missão foi cumprida com êxito e, então, pensamos que poderia estar ali o embrião do sonho maior de Agostinho da Silva. Sentimos que o fruto que tínhamos nas mãos poderia amadurecer. Nas “cartas várias” que mandava periodicamente a seus amigos, não só de Portugal, mas também do estrangeiro, ele, que era homem de ação, mas tinha o jeito de missionário e o olhar de monge contemplativo, nunca tocava em meios materiais. Nem sequer nas despesas de fotocópias e de correio que pagava do próprio bolso para enviar suas reflexões. A propósito desse traço de seu caráter, vale a pena lembrar o encontro que teve com o Primeiro-Ministro Cavaco Silva e do pedido que lhe fez ao final da conversa: “Um dia, se eu precisar de alguma coisa para a qual não me chegue o dinheiro, então, nessa altura, tomarei a liberdade de lhe dizer quanto preciso...” (Vide *A Última Conversa* de Luiz Machado.) No entanto, numa das tardes em que falávamos sobre a Fundação, deixou-nos entrever que a idéia já de anos não avançara, não porque esperasse verbas do Governo ou o apoio de grandes mecenas, pois, no fundo, o que queria era que se formasse uma corrente gigantesca de homens de boa vontade, dispersos por todo o espaço da lusofonia, unidos pela Língua e pela Cultura, parceiros de sonhos e de valores espirituais, que estivessem dispostos a apontar caminhos de futuro e a lutar pela construção de um mundo novo – e um mundo melhor.

A. Gomes da Costa